

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

JOSÉ EDUARDO FERREIRA FARIA SANTOS

**O CONCEITO DE RESENTIMENTO EM FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA
LEITURA DA GENEALOGIA DA MORAL**

Goiânia
2020

JOSÉ EDUARDO FERREIRA FARIA SANTOS

**O CONCEITO DE RESENTIMENTO EM FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA
LEITURA DA GENEALOGIA DA MORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

Goiânia

2020

Agradeço ao meu orientador: Marcelo Gabriel Freitas Veloso, que me ajudou durante todo o tempo da pesquisa. Agradeço minha mãe: Vanira Ferreira Faria que não mediu esforços para que eu pudesse concluir essa graduação com ânimo e de certa forma tranquila. Agradeço de forma especial minha Igreja mãe, na pessoa do bispo Dom Adriano Ciocca Vasino e Padre Damiano Raspo que me orientaram em meu tempo de formação. Agradeço minha namorada: Fabiana Oliveira Viana que me apoiou em meus momentos de crises.

Dedico este trabalho aos colegas alunos, aos meus professores, sobretudo aqueles que contribuíram de alguma forma para esse trabalho de pesquisa, aqueles que me ajudaram no decorrer do curso. Dedico também de forma especial àqueles que me apresentaram as obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

E, à semelhança do vento, quero soprar entre eles um dia e cortar a respiração ao seu espírito; assim exige o meu futuro. Zaratustra, em verdade, é um vento forte para todas as terras baixas, e dá estes conselhos aos seus inimigos e a quantos escarram e expectoram: “Livre-vos de cuspir para cima!”
(Nietzsche em *Ecco Homo, Por que sou tão sábio*, 2017, p.35)

Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas a vitória. Seja o vosso trabalho uma luta! Seja vossa paz uma vitória! Não é possível estar calado e permanecer tranquilo senão quando se tem a flecha no arco; a não ser assim questiona-se. Seja a vossa paz uma vitória!
(Nietzsche em *Assim falou Zaratustra, Da Guerra e do Guerreiro*, 2016, p.

RESUMO

Este presente trabalho busca apresentar o conceito de ressentimento em Friedrich Nietzsche (1844-1900). O filósofo do final do século XIX, apresentou questões relacionadas à moral com intuito em expor os problemas que as circundam. Da mesma importância, coloca em discussão o significado enquanto desdobramento deste tema, o que ela irá denominar de homem ressentido. Dessa feita, discute-se neste trabalho as seguintes perspectivas no campo do problema da moral, conforme o pensamento deste filósofo alemão: (i) a moral escrava como pressuposto da tipologia fraca; (ii) a moral nobre como fonte expressiva dentro dos estudos históricos, a partir do pensamento deste filósofo; (iii) o problema da memória, o espírito ressentido. A filosofia e o esquecimento como solução para tais problemas genealógicos, serão a tentativa de nossa resposta coadunada aos fundamentos do pensamento do filósofo alemão. Utilizando as obras de Friedrich Nietzsche: “Genealogia da Moral”, “Além do bem e do mal”, “Crepúsculo dos ídolos” e “Aurora”, procura-se ainda analisar neste trabalho a repercussão da transvaloração dos valores para uma nova concepção de vida e verdade. Para tanto, a contribuição de comentadores e pesquisadores acerca do pensamento de Nietzsche será essencial para tal composição para que, talvez, possamos quem sabe entender um pouco mais do pensamento deste autor que proponha uma espécie de filosofia “encarnada”.

Palavras chave: ressentimento, moral, memória, esquecimento.

ABSTRACT

This present work seeks to present the concept of resentment in Friedrich Nietzsche (1844-1900). The philosopher of the late nineteenth century, presented questions related to morals in order to expose the problems that surround them. Of the same importance, it puts into question the meaning as an unfolding of this theme, what she will call a resentful man. Thus, this work discusses the following perspectives in the field of the problem of morals, according to the thinking of this German philosopher: (i) slave morality as a premise of weak typology; (ii) noble morals as an expressive source within historical studies, based on the thought of this philosopher; (iii) the problem of memory, the resentful spirit. Philosophy and forgetfulness as a solution to such genealogical problems, will be the attempt of our answer in line with the foundations of the German philosopher's thought. Using the works of Friedrich Nietzsche: "Genealogy of Morality", "Beyond good and evil", "Twilight of idols" and "Aurora", this work also seeks to analyze the repercussion of the transvaluation of values for a new conception of life and truth. For this, the contribution of commentators and researchers about Nietzsche's thought will be essential for such a composition so that, perhaps, we may be able to understand a little more about the thought of this author who proposed a kind of "incarnated" philosophy.

Keywords: resentment, morals, memory, forgetfulness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TIPOLOGIAS DE MORAL	10
1.1 MORAL NOBRE (FORTE)	12
1.2 MORAL ESCRAVA (FRACA).....	14
2 A MÁ CONSCIÊNCIA E O RESENTIMENTO	22
2.1 MEMÓRIA.....	22
2.1 COMO SE FORMA A MÁ CONSCIÊNCIA.....	26
2.2 O RESENTIMENTO COMO PERSPECTIVA EXTERNA DA MÁ CONSCIÊNCIA.....	30
3 ANTÍDOTO: O ESQUECIMENTO	35
3.1 FACULDADE DO ESQUECIMENTO	35
3.2 RESPOSTA PARA O RESENTIMENTO	40
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIA	46
OBRAS CITADAS	46
OBRAS CONSULTADAS.....	47

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) são inúmeros, grandes e ligeiras pesquisas sobre os temas e teorias das obras e da filosofia de Nietzsche. As obras de Nietzsche são de certa forma cativante, no entanto, contundente no que se propõe a discutir. Elas nos mostram um olhar importante para as interpretações da filosofia, da história da filosofia e da dos problemas acerca da moral. Suas ideias foram capazes de gerar novas percepções para o final do século XIX e para o século XXI.

Na medida em que as obras de Nietzsche foram sendo traduzidas para outras línguas e novos pesquisadores e leitores foram tendo acesso ao seu pensamento. Sua filosofia foi tornando-se robusta e clara para o ocidente e passou a fazer parte das bancas e estruturas de estudos das academias de filosofia.

No ano de 1887, o filósofo publicava a obra “Genealogia da Moral”, dividida em três dissertações que tratam os conceitos e as tipologias morais: “moral nobre”, “moral escrava”, “má-consciência”, “bom” e “mau”, “bem” e “mal”. É em meio à segunda dissertação que o filósofo introduz o conceito de ressentimento, ênfase que irá reger toda a leitura desta sessão, passando, notadamente, pela formação da má-consciência ou da ausência de consciência.

Nietzsche quis propor uma filosofia para a vida. Apresento tais motivações neste trabalho: em primeiro lugar, a ênfase afetiva que atravessa o texto de Nietzsche, numa mescla entre poesia e filosofia, com o olhar arguto para ler a realidade e problematizá-la; em segundo lugar, como forma de aprofundar o estudo do pensamento nietzschiano junto a essa Instituição de Ensino Superior, fortalecendo a esteira das 13 monografias escritas a esse respeito nos 39 anos de história do IFITEG; em terceiro lugar, enfim, pela ainda tímida exploração do ressentimento pela via da “Genealogia da Moral”, dentro dessa respectiva instituição. Esses, em suma, constituem os motivos que impelem à realização do presente estudo.

O contexto do curso de bacharelado em Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia do Estado de Goiás filosofia (IFITEG) propõe avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso em uma metodologia prática para desenvolver a conclusão da pesquisa em um período que pudéssemos avaliar o autor, o tema e as teorias apresentas pelos filósofos. Assim um trabalho se conclui de forma que se desenvolva a partir dos critérios do manual de pesquisa científica do instituto.

Dividimos a pesquisa em 3 capítulos para ficar cada vez mais claro o conceito de ressentimento na obra: *Genealogia da Moral* de Friedrich Nietzsche. O primeiro capítulo busca apresentar as Tipologias da Moral, dividido em duas: moral nobre e moral escrava. Trata-se, na tentativa de compreender os tipos de moral, buscando a origem e, de onde começa a genealogia e da história da moral. Utilizamos, para tanto, dois expoentes da filosofia de Nietzsche: “Genealogia da Moral” e *Além do bem e do mal*. Obras na qual o filósofo desenvolve sua crítica a moral e de onde retiramos os fundamentos para o trabalho de pesquisa.

No segundo serão explorados os conceitos de má consciência e o ressentimento, dividida em três sessões: a memória, a má consciência e o ressentimento. O intuito principal é tentar mostrar o problema da memória como forma estruturante da má consciência e o ressentimento como perspectiva externa da daquela. Uma estrutura na qual apresenta os problemas que o ressentimento causa e como o homem ressentido age buscando tornar a sociedade lugar de fala do espírito de tal perspectiva.

O terceiro capítulo apresenta-se como forma de resposta para os dois primeiros. O esquecimento como faculdade e como resposta para o ressentimento, buscando apresentá-lo como antídoto e uma forma de saúde, uma vez que, de acordo com este filósofo alemão, o esquecimento é uma grande saúde.

1 TIPOLOGIAS DE MORAL

Na filosofia de Nietzsche encontramos relatos de uma pesquisa que aponta haver um relacionamento de algumas palavras/conceitos com o processo hermenêutico dessas palavras. Neste trabalho estudamos a obra *Genealogia da Moral* do referido autor e encontramos este estudo hermenêutico com as palavras/conceitos: “bom” e “mal” e “bom” e “ruim”. Ele faz o caminho histórico-crítico dessas palavras, e o caminho novo acerca da filosofia. Envolve-se com a crítica aos historiadores e genealogistas que rodeiam e pesquisam sobre a moral. Para nos ajudar a ver a crítica aos historiadores e estudiosos da moral um aforismo da obra:

Todo o respeito, portanto, aos bons espíritos que acaso habitem esses historiadores da moral! Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio espírito histórico, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história! Todos eles pensam, como é velho costume entre filósofos, de maneira essencialmente a-histórica; quanto a isso não há dúvida. O caráter tosco da sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo "bom". "Originalmente" - assim eles decretam - "as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas - como se em si fossem algo bom (NIETZSCHE, 2007, p. 2).

A tipologia é o método que busca estudar os tipos, compreender os tipos, é peça fundamental para a interpretação de qualquer conceito. Tipologia é o método que estuda os tipos, faz a diferença intuitiva e conceptual de formas de modelo ou básicas. A tipologia é muito usada na área de estudos sistemáticos para definir diferentes categorias. Busca dentro dos diversos momentos da história as palavras chaves e as ideias interligadas àquilo que é principal. A tipologia da moral, que é a caracterizada pela divisão conceitual entre os tipos de morais, descrevendo cada tipo de moral, por exemplo: a moral “nobre” dita como a do senhor, ou a moral “escrava” dita como moral do escravo. Os mesmos tipos podem aparecer em um mesmo indivíduo.

Dentro da obra: *Genealogia da Moral*, o filósofo elenca conceitos para abranger o histórico genealógico da moral. Mas esse histórico, segundo o autor está equivocado, pois como ele mesmo mencionou no segundo aforismo da obra: “Estes historiadores da moral são umas boas pessoas. Mas falta-lhes o ‘espírito histórico’, falta-lhes a inteligência do passado” (NIETZSCHE, 2007, p. 2). Não quer dizer que

estes pesquisadores estão totalmente enganados, mas falta-lhes algo, para chegar ao que deveria ser uma pesquisa genealógica dos tipos de moral. Caminhos equivocados levam a definições de conceitos enganadores e sem nexos com o método genealógico. Nitidamente em sua obra ele alerta sobre a futilidade dos historiadores da moral, quanto aos seus erros; O autor afirma: “A futilidade da sua genealogia da moral aparece desde o primeiro passo desde que se trata de precisar a origem do conceito bom” (NIETZSCHE, 2007, p. 2).

Em sua formação acadêmica, além de teologia e estudos sobre a filosofia, o autor se formou em filologia¹. Usando assim a filologia, o método de ir no princípio, na raiz, no surgir do conceito; na obra, para dividir a pesquisa ele nomeia: moral nobre (forte) e moral escrava (fraco).

Trago para a discussão um autor comentador de Nietzsche, para confirmar o que dissemos sobre a forma tipológica a partir da qual o filósofo trata a moral. Em sua obra “Nietzsche: para além do bem e do mal”, Giacóia Junior (2002) desenvolve comentários dos quais a presente investigação irá se beneficiar, apresentando a moral escrava (fraca) e a moral nobre (forte). A moral tipológica fraca é aquela, formadora como uma espécie de caráter fraco, tornando o outro fraco. Já a espécie de caráter forte não precisa necessariamente formar o outro forte, pois já em si mesmo ele é forte, ele é nobre. Porém, o historiador quer apresentar de forma diferente da vigência real. Nietzsche busca apresentar uma forma diferente de estudar a moral, trata-se de estudar as morais a partir de uma tipologia. Conforme Giacóia Junior:

Em toda tentativa de fundamentação, a própria moral é considerada um dado natural, algo que não se pode, ou deve problematizar. A moral é tacitamente admitida como a única moral. A questão remanescente é a de exibir o fundamento racional de suas pretensões de validade. A tarefa inicial, proposta por Nietzsche, será, pois, muito mais modesta que a sempre desmesurada ambição fundacionista. O primeiro traço a ser destacado nesse aforismo 186 é a metódica preocupação do historiador; ela constitui preparação indispensável para uma tipologia da moral (GIACÓIA, 2002, p. 23).

Nas palavras do próprio filósofo isso também adquire consistência:

Deveríamos nos confessar, com todo o rigor, aquilo de que, a esse respeito, ainda necessitamos por muito tempo, a única coisa que provisoriamente tem

¹ Filologia é o estudo da linguagem em fontes históricas escritas, incluindo literatura, história e linguística. É mais comumente definida como o estudo de textos literários e registros escritos, o estabelecimento de sua autenticidade e sua forma original, e a determinação do seu significado.

direito: a saber, coleta de material, apreensão conceitual e ordenação de um imenso reino de delicados sentimentos e diferenças de valor, que vivem, crescem, procriam e perecem — e são, talvez, tentativas de tornar visível as configurações mais frequentes e que mais se repetem dessa cristalização vivente — como preparação de uma tipologia da moral (NIETZSCHE, 2011, p. 58).

Para o estudo aqui desenvolvido, tanto a obra de Nietzsche, “Para Além do bem e do mal²” quanto a de Giacóia Junior: “Nietzsche para além do bem e do mal” contribuem para a compreensão da tipologia dentro deste trabalho. Isto porque propiciam consistência para a compreensão dos tipos de moral, seja a moral escrava (fraca), ou a moral nobre (forte).

1.1 MORAL NOBRE (FORTE)

Para Nietzsche (2007), moral nobre é a que caracteriza aquele que seja forte, pela herança do guerreiro e do aristocrata. Aqui não é apenas uma vida de costumes e lembranças, vivências, é de parte principal de espírito aristocrata. O caminho metodológico da hermenêutica filológica do filósofo, é de fato uma metodologia filológica que utiliza das palavras e conceitos para fazer um caminho histórico-crítico da própria moral, dos costumes, dos afetos e sentimentos que levaram a formação desta moral, de espírito nobre. Já destacando o caminho metodológico tipológico o nobre é nobre por si mesmo.

O nobre é nobre por si mesmo. É parte da formação do nobre que já vem de suas origens. Desde início de sua vida, o nobre³ é formado por nobres para ser grandioso. O nobre é relaciona em si mesmo. Vingança, crueldade, me vingo daqueles que são iguais a mi, o fraco é desprezível. Valora homens não atos. Não se separa homem e a ação desse homem.

Quando há uma formação de princípios nobres a nobreza já surge das origens. Diante da forma metodológica da tipologia e do estudo filológico surge na sua

² *Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft* (em português: “Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro”), publicado em 1886, nasceu de reflexões e anotações de Friedrich Nietzsche, durante a composição de “Assim Falou Zaratustra”, e inicia uma nova fase literário-filosófica do autor, a sua fase de negação e destruição. Obra na qual o filósofo apresenta ideias morais, relações e sentimentos sobre a moral e como deve se comporta.

³ Nobre é um tipo, assim como o tipo sacerdotal, o tipo religioso, o tipo homem, o tipo livre-pensador... se é um tipo, não se reduz a pessoas ou personagens concretas da história. Nietzsche não é um saudosista da aristocracia (aristocracia de espírito). Nesse sentido, faltou o cuidado no tratamento genealógico: distinguir o estudo das morais quando ele descreve uma classe/casta concreta e quando a partir disso ele define o tipo (aristocrata, sacerdote etc).

obra: *Genealogia da Moral*, o conceito “nobreza” e “nobre”, para lidar de forma direta com a palavra “bom”, o próprio filósofo utiliza de uma hermenêutica e da filologia para desenvolver seu pensamento. Destaco um aforismo de sua obra:

A indicação do verdadeiro método foi-me dada por esta pergunta: qual é, segundo a etimologia, o sentido da palavra “bom” nas diversas línguas? Então descobri que esta palavra em todas as línguas deriva de uma mesma transformação de ideias; descobri que, em toda a parte, a ideia de “distinção”, de “nobreza”, no sentido de ordem social é a ideia-mãe donde nasce e se desenvolve necessariamente a ideia de “nobre” no sentido de “privilégios quanto à alma” (NIETZSCHE, 2007, p. 4).

Então como o pensamento de Nietzsche se desenvolve dentro da perspectiva da moral? Se desenvolve a partir do pensamento da língua das palavras e conceitos. O autor propõe um caminho genealógico, derivando da mesma ideia de uma árvore genealógica de uma família, ou seja, a proposta de ir a uma raiz da moral, para alcançar de forma primária até onde se encontra a definição dos seus dias. Como estamos tratando da moral “nobre” ele nos apresenta a palavra “bom”, como pressuposto para a “nobreza”, como costumes nobres, de valores vindos da aristocracia. O nobre aquele forte que desenvolve toda a sua moral e costumes em si mesmo segue a sua vida como o “bom” e forte guerreiro, sem guardar problemáticas familiares ou memórias desprezíveis.

Um fragmento da obra de Nietzsche nos ajuda a compreender o juízo do aristocrata: “Os juízos da aristocracia fundem-se numa boa musculatura, numa saúde florescente e no que para isto contribui: a guerra, as aventuras, a caça, a dança, os jogos e exercícios físicos e em geral tudo o que implica uma atividade robusta, livre e alegre” (NIETZSCHE, 2007, p. 8). Saliento acima as palavras: livre e alegre; compreendemos a ideia de livre como característica do homem aristocrata e alegre como algo necessário para sua vida, algo que o torna nobre. Na perspectiva de Nietzsche o tipo fraco é o ressentido, aquele fraco que não se supera e quer levar outros para este lugar de fraco. Caracteriza também o tipo forte, como aquele que se supera e busca caminhos melhores e de certa forma ajuda o tipo fraco a ser forte.

O que é o nobre? Uma questão colocada à disposição na obra “Além do bem e do mal”: como se desenvolve as relações dos homens fortes na dinâmica do homem nobre, além de seus atos e propriamente a sua alma a forma notória do nobre agir com todas as relações humanas, não lembra atos contra a si mesmo; revela como deve ser a alma de um homem nobre e da nobreza. Suas obras não são como os

relatos dos tipos fracos, ou seja, não há uma necessidade em demonstrar para o mundo sua carência. Para um ideal de nobreza precisa basta, por exemplo e não somente, da perspectiva do esquecimento⁴. Conforme a citação abaixo:

O que é nobre? O que significa hoje para nós a palavra “nobre”? De que jeito se adivinha, de que modo se reconhece, sob esse céu negro e baixo do reino da plebe que começa, nessa atmosfera que torna todas as coisas opacas e pesadas, de que modo se reconhece o homem nobre? – Não são os atos que o afirma – os atos são sempre ambíguos, sempre insondável; - não são tampouco as “obras”. Hoje são encontrados muitos artistas e sábios que revelam, por suas obras, que um ardente desejo os impele para aquilo que é nobre: mas essa necessidade de nobreza em si é fundamentalmente diferente das necessidades de um nobre, é precisamente neles o sinal eloquente e perigoso se sua falta de nobreza. Não são as obras, é a fé que aqui decide, que fixa a hierarquia, para empregar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: é uma espécie de certeza fundamental que uma alma nobre tem de si mesma algo que não se deixa procurar nem encontrar e que, talvez, não se deixa sequer perder. – A alma nobre tem respeito por si mesma (NIETZSCHE, 2011, p. 207).

Para complementar sua obra: “Além do bem e do mal”, Nietzsche desenvolve a polêmica: *Genealogia da moral*. Querendo deixar claro a noção de tipos; o filósofo apresenta a moral nobre como básica, como um tipo básico. Porém como filósofo da sua época desenvolveu uma série de críticas sobretudo à moral judaico-cristã e a história da filosofia; conforme indica sua obra ele caminha para a crítica e desenvolve a formação da moral escrava.

1.2 MORAL ESCRAVA (FRACA)

Julgar e condenar moralmente é a vingança preferida das almas limitadas sobre aquelas que não são menos que elas, uma espécie de indenização por tudo aquilo que obtiveram de menos da natureza, eis uma ocasião para mostrar espírito e tornar-se refinado — a malícia espiritualiza o homem.
(NIETZSCHE, 2011, p. 139)

“Julgar e condenar moralmente é a vingança preferida das almas limitadas...” (NIETZSCHE, 2011, p. 139). Quando o autor diz do julgar, sobretudo, pelas almas limitadas, ele fala justamente daqueles que não conseguem desenvolver a moral nobre. Ele fala sobre os fracos chamados escravos. A moral escrava transformando os homens em seres limitados e fracos. Qual a necessidade de um julgamento? Será

⁴ Conceito que iremos tratar nos capítulos seguintes.

que somos juízes? Acaso não existem pessoas vingativas ainda por não serem poderosas ou julgando os poderosos, querendo assim ser preponderantes?

Nietzsche assevera que a moral nobre e escrava, entraremos na metafísica do sacerdote; todos esses conceitos são tipos, de forma que entre todos os homens existe esses tipos. Expondo o seu método tipológico acerca de seu estudo da moral. Portanto ele fala de tipos, e nessa sessão em especial vamos discutir a moral de tipo “escrava”. Vingança parte da casta sacerdotal, trazer a vingança simbólica para o plano imaginária, representacional de cunho na representação e se dá no plano da interioridade.

Para o autor, existe um tipo de discurso que é mantenedor dos homens em suas respectivas vidas de escravos, esse tipo é o “sacerdote”. O sacerdote é o ser capaz de manter as pessoas em sua condição de escravo da moral do fraco. Desgastando o corpo, que Nietzsche tanto diz que merece total respeito, guardando a ideia de corpo como aprisionamento da alma, o que os cristãos tanto defendem, e os judeus da mesma forma resguardam por meio de jejuns e abstinências. Em suma, ele não fala do sacerdote simplesmente como o padre ou pastor, mas de todos aqueles que mantêm outros na mesma condição. A citação seguinte nos ajuda a compreender melhor este conceito de sacerdote:

Toda a humanidade está sofrendo as consequências deste ingênuo tratamento. Basta recordar certas particularidades do regime dietético (privação de comida), jejum, a abstinência sexual, o deserto (isolamento a *Weismitchell*, naturalmente sem o engordar e superalimentação que se lhe segue e que constitui o remédio mais eficaz do ideal ascético). Acrescenta-se a isto a metafísica Sacerdotal hostil aos sentidos que os torna preguiçosos e refinar hipnotismo, por autossugestão que praticam os sacerdotes à maneira dos faquires e dos brâmanes, operando brama como botão de cristal ou ideia fixa e o fastio universal e final, compreensível com a crise radical do sacerdote, nada, (ou Deus, porque a aspiração a uma união mística com Deus nada mais é do que a aspiração do budismo ao nada, ao Nirvana). É que no sacerdote tudo se torna mais perigoso, não só a dietética e a terapêutica, sendo também o orgulho, a vingança, a perspectiva, o amor, a ambição, a virtude e a doença, contudo, é justo consignar que no meio destes perigosos “sacerdotais” começou o homem a ser um “animal interessante” e adquiriu sua alma a “profundidade” e a “maldade”, que são os atributos capitais, que lhe asseguraram a supremacia sobre o reino animal (NIETZSCHE, 2007, p. 8).

A parte mais enigmática sobre a moral escrava fica notória quando tocamos na herança platônica-judaico-cristã. Nietzsche vai começar a desenvolver a tipologia da moral “escrava” na história bíblica onde os judeus nasceram escravos, de certa

forma na terra prometida como um povo escolhido do meio dos escravos. Fazendo uma certa analogia com esta ideia, em sua obra, o autor destaca:

Os judeus - povo “nascido para a escravidão”, como afirmava Tácito com todo o mundo antigo, “povo eleito entre os povos”, como eles mesmos dizem e acreditam - os judeus realizaram esse prodígio da inversão de valores, graças ao qual a vida na terra, por alguns milhares de anos, tomou um atrativo novo e perigoso: seus profetas fundiram num só conceito os termos “rico”, “ímpio”, “mau”, “violento”, “sensual” para marcar pela primeira vez a palavra “mundo” com o sinal da vergonha. E nessa inversão de valores (da qual faz parte também a ideia de empregar a palavra “pobre” como sinônimo de “santo” e de “amigo”) que reside a importância do povo judeu: com ele começa a insurreição dos escravos na moral (NIETZSCHE, 2011, p. 107).

Na citação assim o filósofo apresenta uma frase: “Os judeus - povo “nascido para a escravidão” (NIETZSCHE, 2011, p. 107). Talvez um problema uma alegação de tal peso, mas não é um problema dos judeus, é como se fosse um exemplo de homens como estamos tratando do problema do ressentimento e para isso precisamos compreender a noção de tipo, é um tipo não concreto, mas no nível de espírito (Espírito dentro de certas filosofias é a interioridade, uma pluralidade de almas). Assim digo de espírito: aristocrata e escravo.

Dentro da perspectiva de problematização da moral, é considerável pensar o platonismo como mediador da moral de rebanho. A autora Mosé nos auxilia:

O fundamento ocidental de tudo isso vem de Platão: *o cristianismo é um platonismo para o povo*. O cristianismo espiritualizou o platonismo e o tornou a grande matriz do niilismo ocidental, o grande caluniador da vida. Em relação ao cristianismo, diz Deleuze, os gregos chegam a parecer crianças (MOSE, 2018, p. 46).

O fragmento contribui para compreender a relação da herança platônica-judaico-cristã. Uma relação de ação e reação. Uma ideia de alma presa ao corpo, onde tudo é lindo e a alma é livre. Talvez exista o céu, então vou me desgastar fazendo sofrer corpo para me libertar do sofrimento eterno no inferno; que tal libertar seu corpo desse sofrimento, tornando livre a sua condição física.

O pensador investiga suas perspectivas e mostra uma inversão dos valores⁵ morais, o que Marton (1999) compreende em Nietzsche por transvaloração⁶ dos valores. Os judeus que moldaram a moral ao longo dos séculos e depois os cristãos que deram continuidade a esta, nos indica uma mudança radical da moral sendo sempre assumida por religiões, e desempenhando um grande papel de negação do corpo, colocando a alma presa dentro do corpo impuro. Porém o conceito de transvalorar é o caminho prático para a mudança de estado do homem, torna-se ressentido pela via da tipologia da moral “escrava”. Contudo, transvalorar implica também em outras ideias, Marton traz alguns exemplos:

Transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica, a religião e a moral (...) Transvalorar é, também, inverter os valores. Aqui, Nietzsche conta realizar obra análoga à dos alquimistas: transformar em “ouro” o que até então foi odiado, temido e desprezado pela humanidade. É deste ângulo de visão que denuncia o idealismo e reivindica a efetividade”. [...] Transvalorar é, ainda, criar novos valores. Aqui, Nietzsche pretende realizar obra análoga à dos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores. É desta perspectiva que concebe a filosofia (MARTON, 1999, p. 138-139).

O ressentimento faz surgir novos valores morais, dando por iniciar e propor uma transvaloração, e assim surge a moral de rebanho. Uma mudança nos comportamentos morais e físicos dos homens. Nietzsche desenvolve a tipologia de moral escrava e sua tão polêmica frase, (bom não queria a polêmica, mas foi-lhe atribuída justamente pela sua forma dura de escrita, sobretudo aos próprios filósofos), no seu escrito: “A moral é hoje na Europa uma moral de rebanho” (NIETZSCHE, 2011, p. 114). O autor escreve isso em um contexto de época longínqua a nossa. Podemos até não compreender o seu tempo. Era o final do século XIX, a religião e a ciência estavam em colisão na disputa de quem poderia dominar. Entretanto ele permanece firme em dizer que a moral de rebanho regia os homens limitados ao conhecimento histórico e filosófico. A citação abaixo nos ajuda nesta compreensão:

⁵ Os valores morais, segundo Nietzsche, são criados, em um primeiro momento, pelos nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento em oposto a tudo que se tem como baixo, vulgar plebeu, e sempre tendo como base seus próprios interesses.

⁶ Transvaloração. Emissão de uma apreciação ou avaliação que transcende os limites do juízo de valor. (Não é possível dizer que a moral consiste num desprender-se de todos os valores morais. Cuidado porque conceitos assim, precisam ser discutidos, apresentados no texto.) A moral consiste na transvaloração de todos os valores, em um desprender-se de todos os valores morais, e um confiar e dizer sim a tudo o que até aqui foi proibido, desprezado, maldito. (GENT, 2016, p. 399)

Vamos repetir aqui, a seguir, o que já dissemos tantas vezes: pois, hoje, os ouvidos não ouvem de boa vontade semelhantes verdades - nossas verdades. Sabemos muito bem como é injurioso quando alguém, sem disfarce nem delicadeza, conta o homem entre os animais; mas nos acusam quase de um crime ao empregarmos assiduamente, precisamente a respeito do homem, "ideias modernas", os termos "rebanho" e "instinto de rebanho" e outras expressões similares. Que fazer? Não podemos falar de outra forma, pois essas são, justamente, nossas novas perspectivas achamos que nos principais julgamentos morais, a unanimidade reina na Europa e nos passos sob a influência europeia: *sabemos* evidentemente na Europa o que Sócrates confessava não saber e tudo o que a antiga e famosa serpente pretendia ensinar - "sabemos" hoje o que é bem e o que é mal. Pois bem! Nossa insistência em repetir essas coisas deve parecer duro ao ouvido e difícil de compreender: é o instinto do homem de rebanho que acredita *saber* aqui, que se glorifica a ele próprio por suas recriminações e por seus elogios e se prova a si mesmo: é ele que interrompeu e adquiriu a preponderância sobre os outros instintos e adquire cada dia mais, segundo a assimilação e a semelhança fisiológica sempre crescentes das quais ele é um sintoma. *A moral é hoje na Europa uma moral de rebanho*. Por conseguinte, não é segundo nosso parecer, senão uma espécie particular de moral humana, ao lado da qual, tanto antes como depois, outras morais, sobretudo morais *superiores*, são ainda possíveis ou deveriam sê-lo (NIETZSCHE, 2011, p. 113-114).

O intuito dessa sessão é a moral “escrava”. Nietzsche escreve sobre um de tipo de moral dos desafortunados e fracos! São formas de escritas irônicas e debochadas de chamar os homens fracos e moralmente escravos, mas é basicamente como dizer “o povo venceu” é, portanto, burlesco cogitar que isso seja algo lindo de argumentar, porém é isso mesmo, fazer com que os fracos sejam levados ao estado patológico de povo, de populoso e rebanho, todos como cordeiros ao matadouro de cabeça baixa, guiados pelo sacerdote, que toma a posição de escravo do escravo, aqueles que mantêm os indivíduos submisso dentro do rebanho. Ao tratar sobre a moral “escrava” o pensador complementa:

“Mas para que falar de um ideal mais nobre? Inclinem-nos ante os fatos consumados: o povo é que venceu; ‘os escravos’, ‘o populacho’, ‘o rebanho’, chamai-lhe como quiserdes, se é aos judeus que se deve, nunca povo algum teve missão histórico mais brilhante. Foram abolidos os amos, triunfou a moral do povo. Se disseres que foi um veneno, foi um veneno salutar A redenção do encontro humano está no bom caminho tudo se judaíza, se cristianiza, e se aplebeia a olhos vistos. O impulso é irresistível, o progresso incessante: poderá haver marchas e contramarchas, pressas demoras, mas o tempo e muito... Tem ainda Igreja alguma missão necessária? Tem ainda o direito a existência? Poderíamos passar sem ela? *Quaeritur*⁷. Parece antes que atrasa a marcha, mas nisto consiste precisamente a sua utilidade. Há nele alguma coisa de grosseiro e de rústico que repugna às inteligências delicadas e aos gostos modernos. Não deveria polir-se alguma coisa? Hoje mais repele do que seduz. Qual de nós quereria ser livre-pensador se a Igreja

⁷ Em latim. Traduz por questão.

não existisse? A Igreja repugna-nos, mas não o seu veneno, tirei a Igreja e ainda saborearmos o seu veneno...”

Tal foi o epílogo que fez ao meu discurso um livre pensador, um honrado animal, e acima de tudo um democrata. Não pode conter se mais. Aqui devo calar-me (NIETZSCHE, 2007, p. 10-11).

O que existe no escravo que o torna mais grotesco e revoltoso? Como diz o livre pensador: “Há nele alguma coisa de grosseiro e de rústico que repugna às inteligências delicadas e aos gostos modernos” (NIETZSCHE, 2007, p. 11). Sua não compreensão das capacidades de inteligências e sua grosseria elevada de não provar de gostos modernos, isso mostra sua incompatibilidade em se adaptar aos novos jeitos e caminhos.

Quando o filósofo escreve “triunfou a moral do povo”, propõe esclarecer como a moral se tornou uma moral de rebanho. Nietzsche, problematiza: como seria a moral escrava sem o cristianismo para manter os homens na condição, de uma moral do tipo fraco? Como se toda Igreja cristã tivesse esse papel. Mas, hipoteticamente, se realmente acabasse por completo o cristianismo, morreria a moral escrava ou surgiria outro discurso populista de levante dos escravos?

“O cristianismo deu veneno a Eros para beber – ele não morreu, mas ficou viciado” (NIETZSCHE, 2011 p. 172). Mais uma questão de como a religião influencia a moral escrava, dependendo dos escravos para sua própria sobrevivência, como a mantenedora dos homens na mesma moral. A influência antipática que a religião conduz, é manter o sujeito na perspectiva da culpa. Logo abaixo, ressaltamos um aforismo de Mosé (2018) que esclarecer, mas sobretudo, indica uma reflexão contemporânea:

A moral judaico-cristã se fundamenta na culpa, no ressentimento, no auto martírio. O cristão é aquele que já nasce culpado, é preciso se diminuir, se humilhar. Deus gosta dos fracos; seja fraco, sofra para que Ele tenha piedade do seu sofrimento. Mas também o discurso do consumo que se sustenta sempre em argumento momentaneamente científico: a tristeza avaliada como doença, como depressão, os mais novos diálogos, as novas síndromes, que vendem sempre muitos produtos, desde a indústria farmacêutica até as revistas, programas de TV, livros, jornais, mas também as saídas alternativas, as técnicas originais, a meditações, a alimentação natural, enfim, tem sempre um produto sendo vendido, uma saída, um remédio para o sofrimento psíquico, para as dores da alma (MOSE, 2018, p. 86).

Nietzsche (2007) relata sobre uma forma de alma escrava, aquela limitada com vontade de julgar e condenar todos os seus inimigos, normalmente os nobres e poderosos. Porém essa alma limitada não consegue viver sua vida. E não esquece

que não pode chegar a lugar algum e vive a se humilhar, esse fragmento nos ajuda na reflexão: “A sua alma é turva, o seu espírito procura os recantos e os mistérios, todo o culto o encanta, aí acha o ‘seu’ mundo, a ‘sua’ segurança, o ‘seu’ descanso; sabe guardar o silêncio, não esquece⁸, espera, fazer-se pequeno provisoriamente, humilhar-se” (NIETZSCHE, 2007, p. 12-13).

Reflexo do desejo de torturar-se, viver sempre na beira do sofrimento, um paradoxo no qual se rotula as ideias sempre mais fracas e coletivas, sempre em grupo e que não conseguem ver em si mesmos. Mas para contribuir com a linha de pensamento, que é fundamental dentro da filosofia de Nietzsche, há um caminho metodológico, então sobre o sofrimento e degradação fisiológica do corpo, vamos tratar nos próximos capítulos o que o autor vai chamar de má-consciência.

Como Nietzsche pensa sobre a rebelião dos escravos? Ele avalia de uma forma comum aos nobres, é um ódio, é uma reação partida externamente, com impulsos vindos de maneira externa. O filósofo alemão diagnostica a vitória dos escravos sobre os nobres. A rebelião seria uma solução para elevar os escravos? Então toda ação deve receber essa reação de vingança? Vejamos logo abaixo:

A rebelião dos escravos na moral começou quando o ódio começou a produzir valores, o ódio que tinha de contentar-se com uma vingança imaginária. Enquanto toda a moral aristocrática nasce de uma triunfante afirmação de si mesmo, a moral dos escravos opõe um “não” a tudo o que não é seu este “não” é o seu ato criador. Esta mudança total do ponto de vista é própria do ódio: a moral dos escravos necessitou, sempre de estimulantes externos para entrar em ação; a sua ação é uma reação (NIETZSCHE, 2007, p. 11).

O caminho metodológico de Nietzsche é complexo, porém vamos utilizar indicações para buscar compreender a sua compreensão acerca da tipologia da moral. “Todas as ciências devem preparar o filósofo a sua tarefa, que consiste em resolver o problema da avaliação em determinar a hierarquia dos valores” (NIETZSCHE, 2007, p. 25).

Em síntese, compreender os conceitos e formas que regiam a tipologia da moral escrava e da moral nobre, podem contribuir para os estudos do ressentimento e a má-consciência. A tipologia é o método que estuda os tipos. O filósofo alemão procurou apresentar a moral “nobre” e “escrava”, deixando os conceitos que regiam, procurou-se desenvolvê-los neste capítulo. Para o nosso na obra *Genealogia da Moral*

⁸ Questão da memória, que trataremos nos capítulos seguintes.

caminhamos de forma simples não havendo muito rebuscamento, para a fácil compreensão de tais temas. Como tipo básico escravo, esse mesmo tipo nos remete a indivíduos que podem ter o tipo forte e o tipo fraco. Para que possamos caminhar com um direcionamento para os próximos capítulos, esse capítulo conduzira a compreensão dos próximos.

2 A MÁ CONSCIÊNCIA E O RESSENTIMENTO

Ao dissertar no capítulo anterior, a partir do pensamento de Nietzsche, sobre sua compreensão acerca do significado das tipologias da moral, iremos neste capítulo, propor uma reflexão buscando elucidar o significado do conceito de má consciência e como ela se forma no homem, de acordo com o pensamento do autor. Trataremos também sobre a importância que a faculdade da memória representa e, por fim, o papel que o ressentimento tem enquanto conceito de envergadura para a discussão filosófica a partir da obra *Genealogia da Moral*.

Que implicações representam a faculdade da memória na formação da má consciência e no ressentimento? Há relação entre a concepção de moral escrava e a concepção de ressentimento no pensamento de Nietzsche? Se sim, estaria atrelada à perspectiva de um discurso moralmente vinculado a tipologia fraca?

Com intuito de averiguar o significado de má consciência e ressentimento a partir do pensamento de Nietzsche, em particular, explorado na obra *Genealogia da Moral*, propõe-se nesta seção elucidar a relação existente entre o conceito de culpa com má consciência e, a transvaloração dos valores com ressentimento. Assim, conforme desenvolvido pelo filósofo alemão, na tentativa em compreender tal proposta, chamaremos de ações internas para a má consciência e ações externas para o ressentimento.

2.1 MEMÓRIA

A obra de Nietzsche sobre a qual está sendo desenvolvido este estudo sobre o ressentimento é composta por três dissertações. A segunda dissertação deriva-se da primeira para ser escrita e é composta para o estudo dos conceitos: memória, consciência, má consciência, esquecimento e o ressentimento. Nesta sessão iremos discutir o conceito de memória como chave para chegar a compreensão dos outros conceitos apresentados.

Na pesquisa em questão, a memória como lembrança ruim, expressa pelo autor, como sendo a provedora capaz de chagar o homem em todo o seu caminho, como lembrança nociva, promovendo a pontecialização da má consciência ou o ressentimento, é a forma que irá conduzir este trabalho. Confere-se, portanto, da seguinte forma:

Trata-se da fixação de toda lembrança em um plano não consciente. Nele deveriam ficar guardados os traços mnêmicos. Nietzsche refere-se à necessidade de as marcas indeléveis não serem impressas na consciência sob pena de tornar a lembrança uma chaga, característica do ressentimento, que se dá quando a memória invade a consciência e impede a recepção de novos estímulos (GEN, 2016, p. 298).

Diante de tal constatação, podemos avaliar a memória como algo não bom para o homem quando ela se torna não consciente e, passa a tornar-se objeto de consulta do homem para suas ações. Configura-se como um peso e fazendo uma chaga em seu interior.

Nietzsche utiliza o conceito “responsabilidade” para entrar na ideia de promessa e subsidiar o conceito “memória”, fazendo assim aparecer a fundamentação da ação ressentida dos moralmente escravos. O filósofo apresenta esse conceito como pressuposto dos moralmente escravos. Para a compreensão deste conceito o autor chama atenção para a responsabilidade do homem com as promessas e assim levando a memória⁹ a ser algo desastroso para a humanidade. Nos ajuda um fragmento da obra:

Aqui deve procurar-se a origem da “responsabilidade”. Esta tarefa de educar e disciplinar um animal que possa fazer promessas, pressupõe outras tarefas: a de fazer o determinado, uniforme, regular, e, por conseguinte, apreciável. O prodigioso trabalho daquilo a que eu chamei moralização dos costumes (Aurora, na pag. 9, 14, 16), o verdadeiro trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período da espécie humana, todo o seu trabalho pré-histórico, toma aqui a sua significação e a sua justificação, qualquer que seja o grau de tirania, de crueldade e de estupidez que lhe é própria: unicamente, pela moralização dos costumes e pela camisa de força social, chegou o homem a ser realmente apreciável (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

Conforme o pensamento do autor, compreende-se questões fundamentais na segunda dissertação da obra *Genealogia da Moral*. A má consciência é um conceito chave para a compreensão da memória e do esquecimento; é necessário a elucidação acerca do que o filósofo expõe sobre o conceito de esquecimento. Para Nietzsche, existem duas formas de entender esse conceito que o filósofo chama de memória da vontade. Vejamos como se desenvolve na obra:

⁹ Também o nobre é responsável e faz promessas e, portanto, possui memória, também eles estabelecem vínculos de dívida para com os antepassados. O problema da memória está em como ela se desenvolveu do decurso da história e o papel do cristianismo e da filosofia nisso.

Ora bem, este animal necessariamente esquecido, para quem o esquecimento é uma força e uma manifestação de robusta saúde, criou para si uma faculdade contrária, a memória, a qual contrabalança o esquecimento, e ainda em certos casos logra a vitória, por exemplo, quando se trata de prometer; não se trata da impossibilidade puramente passiva de se subtrair à impressão recebida nem do mal-estar que causa a palavra dada e não cumprida, senão que se trata da vontade “ativa” de guardarmos impressões, trata-se de uma continuidade no querer, de uma verdadeira “memória da vontade” de modo que, entre o primitivo “farei”, e o cumprimento da vontade ou execução do ato, todo um mundo de coisas novas e ainda de atos da vontade encontra lugar sem inconveniente algum NIETZSCHE, 2007, p.28).

Tal método de dissertar sobre a memória e o esquecimento como faculdades do homem deixa claro que vivenciamos isso como plena parte do senso comum da humanidade mas, a partir da interpretação filosófica, analisamos como conceitos para compreender como funcionam, com o exercício da do ‘si’, o exercício da interioridade, as ações e execuções que os homens fazem no decorrer de sua vida.

Como se entende a memória da vontade? Parte da ideia de promessa. O homem é um animal que faz promessas. Provoca, uma lembrança de missão não cumprida, uma ideia de que possivelmente será capaz de cumprir. Assim se desenvolve uma forma de culpa interna, levando o homem a se desgastar, tornando o seu corpo¹⁰. Nietzsche apresenta um conceito para compreensão da memória que é denominado *mnemotécnica*¹¹. O contexto onde o filósofo desenvolve sua ideia está inserido na obra *Genealogia da Moral*. “Este problema tão antigo não se resolveu por meios suaves; talvez na pré-história do homem não haja nada mais terrível do que a sua mnemotécnica” (NIETZSCHE, 2007, p.31).

Para explicar a possível compreensão das causas existenciais e os dilemas dentro da pré-história da humanidade, como o animal racional (homem) tornar-se aquele da “arte da memória”, ou seja, a mnemotécnica, o estímulo da memória ativa, a degradação e flagelação da humanidade, em meio ao sofrimento e sacrifícios na história. Parte da filosofia de Nietzsche se ocupa com a crítica ao cristianismo, em particular, a obra *Genealogia da Moral* é uma delas. O fundamento moral do cristianismo, é o mesmo judaico e se fundamenta no pensamento platônico.

¹⁰ Dá a entender que a criação de uma memória no homem foi algo negativo, ruim. A dupla história: bom e ruim e bom e mau, traçam caminhos diferentes para a memória, assim como para a promessa, o corpo, a vontade de potência etc. Nada disso é “em si”.

¹¹ A mnemotécnica é uma técnica de estimulação da memória. O nome vem da titânide grega da memória, *Mnemosine*. O termo mnemotécnica, apesar das suas raízes gregas, é de uso moderno, com origem no século XIX, e tornou-se sinônimo do termo “*ars memoriae*”, Arte da Memória, usado na antiguidade clássica.

Vejamos como a memória se desenvolve na linha histórica dentro da obra *Genealogia da Moral* que Nietzsche apresenta:

Poderíamos dizer que, onde na vida dos homens e dos povos, há solenidade, gravidade, mistério e cores sombrias, é que fica um vestígio de espanto que noutra tempo presidia às transações, aos contratos, as promessas: o passado, o longínquo, obscuro e cruel passado, ferve em nós quando nos pomos “graves”. Noutra tempo, quando o homem julgava necessário criar uma memória, uma recordação não era sem suplícios, sem martírios e sacrifícios cruentos; os mais espantosos holocaustos e os compromissos mais horríveis (como o sacrifício do primogênito), as mutilações mais repugnantes (como a castração), os rituais mais cruéis de todos os cultos religiosos (porque todas as religiões foram em última análise sistemas de crueldade), tudo isto tem sua origem naquele instinto que soube descobrir na dor o auxílio mais poderoso da memória (NIETZSCHE, 2007, p.31).

Em outro escrito do autor, ele faz um aceno a uma forma de memória involuntária. “Pouco a pouco me dei conta do que foi até agora toda a grande filosofia: a confissão de seu autor, uma espécie de memória involuntária e insensíveis; percebi que as intenções morais (ou imorais) formavam, em toda filosofia” (NIETZSCHE, 2011, p. 23). Uma memória involuntária dos homens, assim ela se torna uma maneira padrão de reconhecer aqueles que usam erroneamente a consciência, fazendo ela se tornar uma má consciência.

Para nos auxiliar no caminho do estudo sobre a memória, ela pode ser considerada uma doença! De acordo com a obra *Genealogia da Moral*, a memória é concebida como uma doença na humanidade. Em ponto de estudos medicinais existe uma doença chamada *hipertímida*. É a síndrome da supermemória. Imaginemos se nós tivéssmos a capacidade de lembrar de cada registro em nossas vidas . Tudo que já aconteceu, tudo de bom e tudo de ruim. Moreira nos explica essa síndrome:

A hipertímida é um tipo de hipermnésia também conhecida como síndrome hipertímica, caracterizada pela incapacidade de esquecer lembranças do passado, de forma detalhada e precisa. O paciente com essa patologia possui uma memória capaz de lembrar de todos os acontecimentos que já pontuaram sua vida, sem esquecer de detalhes que normalmente uma pessoa esqueceria, neste caso se lembra de qualquer época independentemente da idade atual (MOREIRA¹², 2012, p. 6).

É uma doença pertencente à memória, tornando o homem com lembranças involuntárias. Assim, essa lembrança torna-se uma chaga, um rancor, levando o

¹² Mestre em Neurologia / Neurociências (UNIFESP, 2019) Especialista em Farmácia clínica e atenção farmacêutica (UBC, 2019) Graduação em Farmácia (Universidade Braz Cubas, UBC, 2012)

homem a tomar decisões comprometendo sua existência. Porém não há dualismo e confronto entre memória e esquecimento, (o esquecimento como algo bom e a memória como algo ruim) ambas são faculdades humanas de natureza afetivas e do espírito.

Os escravos das paixões são os que mais sofrem com a chaga da memória, pois, são os que sofrem com os status social, os escravos da moral, os que guardam. Conforme o filósofo alemão:

Quanto menos memória tinha a humanidade, tanto mais de espantar era o aspecto dos seus costumes, e, em particular, o rigor das leis penais permite apreciar as dificuldades que ela experimentou antes de se fazer senhora do esquecimento e para manter presentes na memória destes escravos das paixões e dos desejos algumas exigências primitivas da vida social (NIETZSCHE, 2007, p. 31).

Assim, de acordo com Nietzsche, a memória e sua relação com a moral escrava, influencia a vida dos homens não livres, de suas lembranças que chagam o seu interior, tornando-se uma mágoa e rancor, seja por suas condições físicas, espirituais e não livres. A noção *mnemotécnica*, a arte da memória capaz de julgar não somente a si mesmo, mas também os outros, levando o homem a uma má consciência e de certa forma levando também ao externo dos julgamentos.

No intuito de concluir essa sessão, melhor dizer que a memória faz parte do espírito ressentido. Pois o ressentido é aquele que lembra, o homem capaz de guarda e não é capaz de esquecer, de forma que não continuar a vida.

2.1 COMO SE FORMA A MÁ CONSCIÊNCIA

Na segunda dissertação da obra *Genealogia da Moral*, Friedrich Nietzsche introduz o conceito de “má consciência” que se desenvolve a partir da própria consciência, ou também da falta de consciência. A homem é formado por afetos e sentimentos, o mesmo é capaz de transformar a sua memória em uma mágoa, em um rancor? Sim ela é capaz de transformar a consciência, em uma má consciência. Em Nietzsche compreende-se a má consciência como uma transformação de memória em mágoa.

A relação entre a ‘falta’ e ‘dívida’ se estabelece por um viés consciente. Na concepção consciente existe uma obrigação de compreensão do castigo. Para a má consciência se entender como um sentido interno, uma relação humana, somente se dá a partir da culpa própria e o castigo. Vejamos como se desenvolve na obra:

Suspeitaram, sequer por sonhos, estes genealogistas da moral que o conceito essencial “falta” tenha a sua origem na ideia material da “dívida?” Ou que o castigo, enquanto represália, se desenvolveu independentemente de toda a hipótese de livre-arbítrio e de obrigação? Como que faz falta um alto grau de humanização para que o animal homem comece a distinguir entre ideias muito mais primitivas, por exemplo: a com “propósito”, “por descuido”, “por acaso discernimento”, e os seus contrários para os pôr em relação com a severidade do castigo (NIETZSCHE, 2007, p. 33).

Nietzsche é um crítico intenso sobre qualquer tipo de doutrinação, portanto apresenta uma crítica forte a doutrina do castigo; como a humanidade desenvolveu o castigo como punição para os culpados, como a evolução da falta de liberdade, como o melhor castigo plausível para o culpado, se tornou uma prisão, ou cadeia, prisão domiciliar, não pode sair da sua condição atual. O ‘castigo’ na má consciência é uma forma de levar ao castigo pessoal. Oirundo da perspectiva da má consciência, reverbera para o comportamento ressentido pelo intermédio da culpa, consequência pela formação desta má consciência. A noção de castigo particularmente o ‘castigo pessoal’, as analogias do filósofo para a compreensão da primitiva psicologia humana e do castigo como o equivalente ao processo de culpa. A obra nos auxilia nisso:

Esta ideia, hoje tão geral, e na aparência tão natural e necessária, para explicar a formação do sentimento de justiça de que o “criminoso merece castigo ‘porque’ teria podido proceder de outro modo”, realmente, uma forma muito tardia e requintada do juízo e da indução, e quem a coloca nas origens erra grosseiramente acerca da psicologia da humanidade primitiva. Durante o período mais largo da história humana, não castigar o malfeitor “porque” o julgassem responsável pelo seu ato: nem sequer se admitia que só o culpado devia ser castigado. Antes se castigava então como os pais castigam agora os seus filhos, arrebatados pela cólera que o dano excita, mas esta cólera é mantida em certos limites e modificada no sentido de que todo o dano encontre de algum modo o seu equivalente, sendo susceptível de compensar-se ao menos por uma dor que sofra o autor do prejuízo. Donde tirou o seu poder esta ideia primordial tão arraigada, a esta ideia, talvez indestrutível, de que o prejuízo e a dor são equivalentes? (NIETZSCHE, 2007, p. 33).

Como a relação de sujeito se atribui a noção de devedor e credor, talvez a correlação dos devedores com os credores esteja ligada à concepção de promessa¹³, discutindo o contrato no qual ambos vivem seus sentimentos e culpas. “Já o disse: da relação contratual entre credor e devedor, que é tão antiga como a própria noção de

¹³ O problema da relação entre promessa e esquecimento é analisado por Nietzsche, sobretudo, na Segunda Dissertação da Genealogia da Moral. Nela, o filósofo alemão sustenta que a capacidade de o homem fazer promessas é uma tarefa contraditória postulada pela natureza e o esquecimento encontra-se avesso a tal capacidade. A relação entre promessa e esquecimento traz em seu cerne a constituição da memória.

“sujeição legal” que por sua vez, nos leva às formas primitivas da compra e venda e do câmbio” (NIETZSCHE, 2007, p. 33).

A noção de ‘falta’ desenvolvida na obra *Genealogia da Moral*, no aforismo XIV da segunda dissertação é ratificado por Nietzsche da seguinte maneira: “Refiro-me aos que dizem que o castigo tem a propriedade de despertar no culpado o “sentido da falta”, e que é verdadeiro instrumento desta reação psíquica que denomina “má consciência” ou “remorso” (NIETZSCHE, 2007, p. 48). Nietzsche destaca o termo ‘remorso’ como sentimento presente, para afirmar quem é o homem de má consciência, de rancor e mágoa.

“Viam-se reduzidos à sua “consciência”, ao seu órgão mais fraco e mais coxo! Creio que nunca houve na Terra desgraça tão grande, mal-estar tão horrível” (NIETZSCHE, 2007, p. 51). A interligação dos conceitos ‘falta’, ‘castigo’, e ‘má consciência’, consiste em relações humanas e sentimentais. Ao que parece, na sociedade se exige do homem as características básicas de persistência e lembrança. Contudo, é preciso não lembrar das desgraças da vida, não precisa guardar na mente as mágoas, ou remorsos, pois, seria a propulsão para a formação do surgimento da má consciência. Este aforismo pode nos esclarecer sobre a sua origem:

Chegado a este ponto, vou dar à minha hipótese acerca da origem da “má consciência” uma expressão provisória, a qual, para ser compreendida, necessita ser meditada e ruminada. A má consciência é para mim o estado mórbido em que devia ter caído o homem quando sofreu a transformação mais radical que nunca houve, a que nele se produziu quando se viu acorrentado à argola da sociedade e da paz (NIETZSCHE, 2007, p. 50).

A noção de má consciência em Nietzsche está ligada a noção de normalidade social e paz, na qual apresenta as próprias noções de castigo e culpa, de promessa e angústia, dos devedores e credores, da própria ligação entre justiça e condenação.

Para nos ajudar na compreensão da má consciência em Nietzsche, Mosé (2018)¹⁴ descreve a seguinte compreensão acerca deste conceito: “A consciência pode jogar a nosso favor ou contra, mas, produto da moral judaico-cristã e do platonismo que não gostam do corpo, a consciência tornou-se para Nietzsche uma má consciência” (MOSÉ, 2018, p. 123).

Para Nietzsche a má consciência é a síntese da culpa de todos os problemas, apresentando como uma doença profunda do homem. Mosé apresenta como

¹⁴ Nietzsche Hoje, autora: Viviane Mosé, ano de 2018.

dissolução da dúvida e como o homem se autopune, tornando a culpa uma máxima culpa, assim ele degrada a si mesmo; vejamos como isso se desenvolve no livro da autora:

Ao invés do mundo e suas mudanças, o refúgio na interioridade, a ruminância do passado, o ressentimento contra o que muda, a culpa. Isso que Nietzsche chama de má consciência resulta de um processo que produz “a maior e mais perigosa de todas as doenças, o homem doente de si mesmo” aquele que se autopune. Minha culpa, minha máxima culpa (MOSÉ, 2018, p. 123).

Nietzsche aponta duas origens para esta inversão da consciência em má consciência. Em uma delas o filósofo mostra que a vida gregária, nascida da necessidade de proteção e defesa, vai produzir uma grande transformação no homem, a mais radical que já houve, a que nela se produz quando se viu acorrentado à argola da sociedade e da paz.

A noção de vida em grupo, torna o ser humano capaz de gerar novos sentimentos; a saída da psicologia primitiva da humanidade, aquele lado selvagem do homem se volta contra si mesmo, pois não tem onde descartar suas forças. Aquelas mesmas forças que deveriam ser usadas para guerras, elas são usadas em si mesmo, desgastando a mente e o corpo; para Mosé:

A vida em grupo possibilitou condições de vida cada vez mais facilitadas e torna desnecessária a força que antes era utilizada nas guerras nas caçadas, na luta com condições adversas. A medida que se formaram os grupos humanos esses instintos selvagens, estas forças sem utilidade, voltaram-se para dentro. O humano quando se torna razoável, racional, e se é reduzido a pensar, a deduzir, a calcular, a combinar causas e efeitos, termina por lançar sua força contra si mesmo, criando uma interioridade que se devora, se amedronta, pune a si mesma (MOSÉ, 2018, p. 124).

Assim, aquilo que dá origem a ‘má consciência’, é chamado de ‘sentimento de culpa’. Trata-se de um processo de autopunição. Ao compreender a origem de tal sentimento a autora diz:

A mesma força do homem selvagem lutando contra perigos externos, em condições de paz, volta-se contra esse mesmo homem. “A ira, a crueldade, a necessidade de perseguir, tudo isto se dirigia contra o possuidor de tais instintos; eis a origem da ‘má consciência’”. A má consciência, ou sentimento de culpa, é um processo de autopunição que tem origem na tentativa de negação de si mesmo, do corpo, dos instintos (MOSÉ, 2018, p. 124).

Nietzsche também propõe uma segunda origem para um processo de formação da má consciência: a 'moral'. Especificamente a moral escrava, aquela que se tornou a tipologia do fraco. Mosé nos possibilita a compreensão a partir desse fragmento:

Mas Nietzsche se refere a uma segunda origem da má consciência, que chamamos "moral": esta segunda interpretação avalia essa negação a partir de um processo de inversão de valores, produzida pelo judaico-cristianismo, por meio da instauração do sofrimento e da fraqueza como valores superiores; Deus gosta dos fracos, dos oprimidos, dos que sofrem (MOSÉ, 2018, p. 124).

Uma forma de engrandecimento moral, seria uma das funções da má consciência no homem, de guardar tal sentimento. A memória traz tais feitos da humanidade primitiva, colocando à disposição da consciência as forças e lembranças, das chagas do homem. Causando remorso no homem e desgasta o homem, seja o corpo, seja a mente ou a vida. Mosé reforça que:

O homem que pune a si mesmo é o mesmo que acredita na dor como forma de engrandecimento moral, de elevação. A consciência, neste caso, nasce fundamentada uma interioridade que pretende controlar as forças instintivas, e nada mais faz do que inverter a direção dessas forças, lançando-as contra si mesmo (MOSÉ, 2018, p. 125).

As observações e escritos sobre a má consciência, de acordo com o pensamento de Nietzsche, como ela se forma, como ela corresponde àquele sentimento de culpa que se refere ao interior do homem, corroborando à sua ligação com a moral e seu papel no âmbito de estudo sobre o ressentimento, exercendo o papel de chagar o homem a ponto de criar remorso e guardar rancor.

2.2O RESSENTIMENTO COMO PERSPECTIVA EXTERNA DA MÁ CONSCIÊNCIA

Será que a vocação do homem é a busca por um conhecimento de si mesmo? Algumas filosofias te guia a uma forma de conhecimento do próprio homem, essa busca leva Nietzsche ao estudo dos sentimentos humanos; entretanto, a filosofia que Nietzsche apresenta para a possível compreensão do 'ressentimento', é uma filosofia voltada para o estudo e observação dos comportamentos humanos, do espírito do homem, reações e mudanças de transvaloração dos valores e uma negação da vida.

Enquanto buscamos compreender a ideia de moral e transvaloração, falta nas outras pesquisas sobre a moral, falta a leitura sobre a intencionalidade, como o homem volta para si mesmo. A transvaloração do homem não é somente em suas atitudes, mas em sua interioridade, seja para o espírito nobre ou para os afetos ressentidos reativos do homem de espírito ressentido.

Nietzsche nos traz uma afirmação: a ligação entre a ‘vingança’ e a ‘justiça’. Diante de tal constatação relacionada ao ‘ressentimento’ um mérito do homem reativo. Como se vingar fosse algo justo, diante de tal acontecimento seja da sua ascendência ou do presente. Vejamos como se desenvolve na obra:

Duas palavras contra as recentes tentativas para achar a origem da justiça noutro terreno muito distinto, no “ressentimento”. Aos psicólogos, se algum dia lhes desse na vontade estudar de perto o ressentimento, eu dir-lhes-ia ao ouvido, que está flor da luz hoje as suas cores entre os anarquistas e os antissemitas, assim como a violeta, ainda que com aroma muito diverso. E como o semelhante nasce do semelhante, não é de maravilhar que precisamente neste terreno se hajam feito tentativas e não pela primeira vez (supra 3) para santificar a “vingança” sob o nome de “justiça”, como se a justiça não fosse mais do que uma transformação do ressentimento e também para honrar com a vingança o conjunto de todas as comoções “reativas” (NIETZSCHE, 2007, p. 42).

Em uma leitura da realidade é comum olharmos para o ódio e a revolta de alguns sobre leituras morais e valores cotidianos, ou seja, é justo eu ser melhor me baseando em tais sentimentos que partem do ‘espírito do ressentimento’, ou me sentir ligado aos valores que o ressentimento cria e se torna parte da moral dos escravos. Como descreve Nietzsche: “O ‘ultimo’ domínio conquistado pelo espírito de justiça é o do ressentimento” (NIETZSCHE, 2007, p. 42). Nietzsche apresenta uma maneira de leitura do conceito ‘ressentimento’ como aquele que cria os valores cotidianos voltados para os fracos, os ‘reativos’. Ele apresenta os sentimentos dos quais que já comentamos, como por exemplo: o ódio, o rancor, a mágoa e a vingança.

Vejamos como se desenvolve o sentido de justo, ou do homem justo. Como ele esclarece o significado e diferença entre o reativo e ativo, como o ‘ressentimento’ irá se configurar como fraqueza e para a prisão da comodidade cotidiana. Confere-se da seguinte maneira:

Quando acontece deveras que o homem justo continua sendo justo para com aquele que defendeu (justo, e não só frio, comedido, desdenhoso, indiferente, ser justo implica sempre alguma coisa de positivo); quando, apesar das ofensas pessoais, dos insultos e das calúnias, conserva inalterável a

subjetividade alta e clara, profunda e tenra do seu olhar, então será necessário reconhecer nele alguma coisa, assim como a perfeição encarnada, como o maior autodomínio da Terra, coisa que nem sempre se deve esperar e crer. Em tese geral é mais que certo que ainda às pessoas mais integras basta uma pequena dose de perfídia, de malícia de insinuação, para lhes fazer subir o sangue à cabeça e destruir a equidade. O homem ativo, agressivo, está cem vezes mais próximo da justiça do que o homem "reativo" e não erra tanto o seu alvo. Não erra tanto o seu alvo, porque tem o olhar mais prevenido e a consciência mais limpa que o homem rancoroso (NIETZSCHE, 2007, p. 42).

Compreendemos que na obra *Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve sobre o justo, sobre o homem reativo e o homem ativo, como tais agem conforme a suas ações e sentimentos e a moral no cotidiano de suas vidas. O homem reativo é aquele que falta o olhar de superar-se, vou acrescentar o "si" como o si próprio o si mesmo o voltar para si. Diferente do nobre que volta para o interior e relaciona o espírito com as ações ativas.

O filósofo utiliza de exemplos de lutas como a do cotidiano, mas consequentemente a vitória será do homem ativo, pois a luta é vencida pelo forte e não pelo fraco, pela nostalgia o nobre guerreiro é o vitorioso. Por isso o homem reativo se torna ressentido; vejamos como Nietzsche desenvolve na obra:

Finalmente abra-se a história; em que esfera se exerceu a atividade do direito? Porventura na do homem reativo? De modo algum, mas do homem ativo forte, agressivo, espontâneo. Em risco de ofender o agitador Dühring (a quem pertence esta singular confissão: "A doutrina da vingança atravessa todos os meus escritos, todas as minhas aspirações, como o fio vermelho da justiça") direito que, desde o ponto de vista histórico, o direito terreno é o emblema da luta dos sentimentos ativos contra os reativos, a fim de os obrigar a capitular (NIETZSCHE, 2007, p. 43).

A forma com que a nobreza lida diante das constatações da justiça pela vista dos valores da moral escrava, pois os nobres não precisam das lutas e de diariamente das lembranças das vidas fracas e rancorosas dos tipos fracos, como a justiça por méritos morais, ficando ligadas diretamente a obrigações morais, ligados a miséria. Conforme o fragmento abaixo:

Onde quer que exista a justiça, vemos um poder forte em frente de outros poderes fracos, procurando por um termo aos insensatos furores do ressentimento, seja arrancado o objeto do ressentimento às mãos vingadoras, seja declarando guerra aos inimigos da paz e da ordem, inventando compromissos, que propõe e impõe, seja dando força de lei a certas equivalências dos prejuízos, isto é, a todo um sistema de obrigações morais (NIETZSCHE, 2007, p. 43).

Como o filósofo nos remete ao sentido de moral escrava, como tipo básico um grupo por ligação de várias pessoas por um ideal comum do mesmo espírito o 'ressentimento' aquele que nega a vida, assim se forma os transformadores da moral, baseado em sentimento de violência e ódio vingativo. De interesses comum, tentando promover uma lei, baseada na transvaloração da moral. Trago pois então um fragmento da obra:

Tratando, segundo a lei, os atos arbitrários e violentos dos indivíduos como transgressões da própria lei, como desobediência ao Poder supremo, este Poder supremo aparta a atenção dos danos imediatos e chega a um termo absolutamente oposto ao que se propõe a vingança, qual não olha só ao interesse particular; desde esse momento a vista habitua-se uma apreciação cada vez mais impessoal do fato reprovado (NIETZSCHE, 2007, p. 43).

O ressentimento se desenvolve a partir do homem que lembra, daquele que guarda e mantém a mágoa, seja de um acontecimento, ou de uma moralidade superior à sua vida cotidiana. Talvez uma força misericordiosa, chamando o ressentido para ser parte de um grupo (rebanho), que possa desenvolver uma moral que teoricamente não fosse superior, mas que de forma escondida te faz acreditar em um futuro de vida pós morte. Viviane Mosé nos chama a atenção para esta concepção que podemos conferir da seguinte maneira:

Somos herdeiros de projetos de mundo que prometiam vencer a violência, as desigualdades, eliminar o sofrimento e a angústia, controlar a natureza por meio da ciência, sempre amparada por métodos rigorosos e confiáveis. Mas ao contrário de controlar os instintos e paixões, racionalidade serviu como um modo de sofisticação de ódio, da agressividade. Dizer que alguém é racional não quer dizer que não seja violento, mas dizer que determinada violência é racional é ao menos indicar que é sofisticadamente violenta, e que pode ser cruel (MOSE, 2018 p. 28).

O que o ressentimento gera de problemas dentro de um convívio social? O maior deles é gerar uma moral dos fracos, pautada no ódio, na vingança e violência. Gera também a transvaloração dos valores morais, a criação de novos valores e a inversão dos valores.

O homem de espírito ressentido gera uma segurança para todo o rebanho de escravos, pelo seu ardor e discurso fantástico faz agrupar-se, assim causando problemas. Poderia elencar uma lista de problemas que o ressentimento causa, mas falaremos de três, que são: humilhar-se diante da nobreza para ser exaltado por ser

um fraco, culpar a sociedade que já é fraca por todos seus problemas e negar a vida existencial que é essa que se vive na terra.

Para que você seja exaltado por que tem que ser humilhado, primeiramente qual a necessidade do sofrimento ao ponto de passar até fome para poder ser exaltado em “outra vida” acreditando que em “alma como vida eterna”? Será que há uma vida pós essa? Conforme a filosofia proposta por este autor, não, pois deve-se tratar de forma existencial, pois a vida real é essa aqui neste mundo onde se está cada dia morrendo e ao mesmo tempo vivendo ou sobrevivendo. Então talvez para complementar uma frase de Albert Camus, em o Mito de Sísifo, onde ele diz: “O que importa diz Nietzsche não a vida eterna, é a eterna vivacidade” (CAMUS, 2019, p.100).

O ressentimento é uma forma de expressão externa da má consciência, assim podemos avaliar como o homem ressentido é frágil, diante da culpa e da responsabilidade. A saída de deste homem do meio histórico, da moral escrava para o cotidiano no intuito de fazer valer a sua voz, é como um rebanho fraco indo à luta sem saber lutar. O ressentimento não é uma limitação cognitiva que atravança dificuldade emotiva que lança o ressentido num completo ceticismo em relação a todo pensamento construído sobre o entendimento, mas uns sentires que desconhece. O dilema do homem de espírito ressentido é um conflito entre interno e externo, como interno aqui de espírito e o externo aquilo que represente o problema neste mesmo homem que ele ainda não resolveu o problema de ‘si’ mesmo, sua interioridade.

O homem se colocou em um status na vida que não o pertence, assim se molda o problema do homem, sem a responsabilidade comprida ele faz uma má consciência gerando o ressentimento como uma perspectiva externa daquilo que ele mesmo guardou. Uma releitura da visão de negação da vida. O conceito de ressentimento em Nietzsche é aberto a interpretações, mas dentro daquilo que estudamos o ressentimento é ação, afetos e sentimentos dos reativos, fazendo assim existir a tipologia moral escrava.

3 ANTÍDOTO: O ESQUECIMENTO

Nos capítulos anteriores foi apresentada a tipologia da moral: dividida entre moral nobre e moral escrava; assim como uma compreensão daquilo que o filósofo escreveu sobre 'memória', 'má consciência' e 'ressentimento'. Neste capítulo o que se pretende é compreender o que Nietzsche aponta como um antídoto para o problema do ressentimento. O autor apresenta uma faculdade humana capaz de curar o ressentimento, de forma que o ressentimento possa ser examinado como uma doença.

O valor do esquecimento é privilegiado por agir fundamentalmente junto à memória, pois sua atuação propicia o bom funcionamento desta. Nietzsche afirma que sem a faculdade do esquecimento não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente.

É o esquecimento, como força ativa, que se beneficia de sua condição natural para que se abram novas possibilidades para a criação do novo; o homem precisa do esquecimento, como força plástica para desenvolver suas atividades. Este capítulo será dividido em duas sessões: na primeira será apresentada a 'faculdade do esquecimento', como uma das faculdades mais importantes para a formação do homem livre, a faculdade que o nobre recebe do 'berço'.

A segunda sessão irá tratar do esquecimento como resposta para o ressentimento. De acordo com Nietzsche, o exercício de tal faculdade é de suma importância para a resolução do problema.

3.1 FACULDADE DO ESQUECIMENTO

A faculdade do esquecimento propriamente dita é aquela que vai de encontro com a faculdade da memória, não como uma disputa ou batalha, mas como uma forma de aspirações diferentes, como cada homem recebe ou responde ao fato ou a lembrança. Aqui o esquecimento não é a 'não lembrança', mas a atividade que se gera diante da sua própria vida. Pode lembrar-se, mas não ao ponto de tornar-se uma mancha em sua vida, que causa uma má-consciência, ou se torna um espírito ressentido, causando reações externas.

Como a má consciência tem como auxílio a faculdade da memória, a consciência precisa da faculdade do esquecimento, limpar a sua mente elevando as

suas preocupações para um nível sem nexos, o filósofo apresenta uma forma filosófica de ‘espairecer’, dando a entender uma forma de tomar para si uma ofensa, não guardar e se deixar ir; observamos um fragmento da obra:

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta de nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir, um pouco de sossego, um pouco de tabula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo (Nietzsche, 1999, p. 47).

Diferente das grandes ideias que as noções evangélicas dos cristãos e discípulos do Jesus de Nazaré, revemos a ideia de tomar a ofensa contra si e não tomar como uma parte de si, para sua vida inteira. Vejamos uma analogia com a crítica de Nietzsche ao cristianismo:

Até então este elemento militante, negador estava ausente em sua imagem; ainda mais, isso representava seu próprio oposto. Decerto a pequena comunidade não havia compreendido o que era precisamente o mais importante: o exemplo oferecido pela sua morte, a liberdade, a superioridade sobre todo o ressentimento – uma plena indicação de quão pouco foi compreendido! Tudo que Jesus poderia desejar através de sua morte, em si mesma, era oferecer publicamente a maior prova possível, um exemplo de seus ensinamentos. Mas os discípulos estavam muito longe de perdoar sua morte – apesar de que fazê-lo seria consoante ao evangelho no mais alto grau; e também não estavam preparados para se oferecerem, com doce e suave tranquilidade de coração, a uma morte similar (NIETZSCHE, 2014, p. 40).

Quem sabe se fossemos diferentes das ideias de dos grandes teólogos, ou se fossemos mais como Jesus de Nazaré (o histórico), aquele que disse: perdoei as nossas ofensas assim como nós perdoamos. Essa ideia diferente daquilo que aprendemos, perdoa e não esquecer. É o contrário, temos que perdoar e esquecer, deixar ir; na medida em que não nos tornamos escravos da moral e cervos do ressentimento; vejamos um fragmento da obra *O Anticristo*:

O Evangelho havia sido, de fato, a própria encarnação, o cumprimento, a realização desse “reino de Deus”. Foi apenas então que todo o desprezo e acidez contra fariseus e teólogos começaram a aparecer no tipo do Mestre, que com isso foi transformado, ele próprio, em fariseu e teólogo! Por outro lado, a selvagem veneração dessas almas completamente desequilibradas não podia mais suportar a doutrina do Evangelho, ensinada por Jesus, sobre os direitos iguais entre todos os homens à filiação divina: sua vingança consistiu em elevar Jesus de modo extravagante, destarte separando-o deles: exatamente como, em tempos anteriores, os judeus, para vingarem-se de seus inimigos, se separaram de seu Deus e o elevaram às alturas. Este

Deus único e este filho único de Deus: ambos foram produtos do ressentimento (NIETZSCHE, 2014, p. 41).

O esquecimento é uma faculdade oposta a faculdade da memória, o filósofo desenvolve seu pensamento a partir da faculdade contrária, de forma com que educar o homem para estimular a faculdade do esquecimento. Vejamos em qual contexto o filósofo apresenta a faculdade do esquecimento em oposição à faculdade da memória:

Educar e disciplinar um animal que pode “fazer promessas”, não é a tarefa paradoxal que se impôs com respeito ao homem da Natureza? Não é este o verdadeiro problema da humanidade? ... A certeza de que este problema foi de fato resolvido de notável maneira, parecerá uma maravilha para quem sabe apreciar toda a intensidade da força contrária, da faculdade do “esquecimento”. O esquecimento não é só uma *vis inertiae*¹⁵, como creem os espíritos superfinos, antes é um poder ativo, uma faculdade moderadora, à qual devemos o fato de que tudo quanto nos acontece na vida, tudo quanto absorvemos, se apresenta à nossa consciência durante o estado da “digestão” (que poderia chamar-se absorção física), do mesmo modo que o múltiplo processo da assimilação corporal tão-pouco fatiga a consciência (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Aquela faculdade que deve auxiliar nos traumas e problemas que levam o homem a tornar-se livre das magoas chamada por Nietzsche de: “Uma faculdade moderadora” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Tão necessária para o homem, tão consoladora como o que diz: sua alma será salva por uma criatura divina que habita os Céus. O homem capaz de esquecer não se recorda das lembranças e dos castigos apresentados nas atividades dos reativos.

Eis a importância do esquecimento: é uma força que permite ao homem um descanso salutar, para que seu revigoramento possibilite o novo, uma afirmação da vida para a ação criadora. O homem tendo o esquecimento como força para seus reajustes na sociedade, o pensamento de Nietzsche nos dá uma abertura para compreender a faculdade do esquecimento como o ‘perdão’. Um instante em um átimo do apagar da consciência permite que as forças se revigorem, promovendo, dessa forma, que se viva o momento presente. Leremos como um fragmento da obra:

Esquecer não é umas simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual

¹⁵ A resistência da matéria, como quando um corpo em repouso é posto em movimento, ou um corpo em movimento é colocado em repouso, ou tem seu movimento alterado, seja na direção ou na velocidade.

podemos chamar assimilação psíquica), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou assimilação física (NIETZSCHE, 1999, p. 47).

O homem seria capaz de viver sem o esquecimento? Imagina todos os traumas criados na infância? Imagina lembrar de todas as quedas das árvores, que você sofreu? Imaginação provém daquilo que já existiu no seu imaginário. Todas as suas lembranças assombrando-o durante toda a vida. Como Nietzsche diz: “Donde colige que nenhuma felicidade, nenhuma seriedade, nenhuma esperança, nenhum gozo poderia existir sem a faculdade do esquecimento” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Sua persistência garante a atividade criadora, propiciando que o homem: digerir os demais acontecimentos sem que haja qualquer perturbação na consciência. O esquecimento é uma força que atua de modo contrário ao da memória. O esquecimento é necessário para que ele possa eliminar as marcas que lhe foram produzidas pela memória.

A faculdade do esquecimento age como uma força metodológica para o homem agir de forma livre de suas chagas, o homem tem em si a faculdade do esquecimento, porém ela não a exercita. O esquecimento como força ativa não representa uma reatividade, mas uma atividade plena, já que ele propicia e favorece a ação. Quanto à faculdade da memória, essa age reativamente. Ela divide, retarda e impede nossa capacidade de agir espontaneamente. É preciso uma autossupressão dessa memória que restringe a atividade. Nietzsche, na obra: *Genealogia da Moral*, vai formular esse conceito ligando-o ao problema da significação do ideal ascético. Afirma:

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão; assim quer a lei da vida, a lei da necessária autossuperação que há na essência da vida é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: *pater e legem, quam ipse tulisti*” (sofre a lei que tu mesmo propuseste) (NIETZSCHE, 1999, p. 148.).

A memória é uma contra capacidade que torna o esquecimento nulo quando se gera no homem a promessa. “A promessa é uma memória da vontade que impede o homem de não-mais-querer-livrar-se” (NIETZSCHE, 1999, p.48). O homem tem em si por natureza a faculdade do esquecimento, contribuindo para a sua vida em vista do ressentimento como uma doença que partir da faculdade da memória e má consciência, assim tem a faculdade do esquecimento como um antídoto, uma grande saúde para o homem.

Com efeito, como a função do esquecimento é levar o ser humano a desvincular-se das forças reativas, que são assimiladas psicologicamente pelo sujeito moral, pensamos que ele pode ser usado para combater e criticar a má consciência descrita no capítulo anterior, como o fruto de uma vontade que não se descarregou para fora e transformou-se na consciência moral, cerceadora do sujeito, a função do esquecimento é impedir, que nossas vivências e experiências afetivas negativas sejam digeridas e assimiladas por nós.

Em sua obra: *Genealogia da Moral*, o filósofo apresenta as utilidades da faculdade do esquecimento, assim o homem é um animal esquecido por natureza; deixo o autor falar:

Eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento (Nietzsche, 1999, p. 47).

Nietzsche traz de fato a relação do esquecimento e o ressentimento o nobre é por natureza esquecido, desenvolve uma capacidade de esquecer, ou ele revida uma ofensa ou ela se dissolve esquecendo-a. Leremos um trecho do dicionário de Nietzsche:

Ao contrário do homem ressentido, o nobre não guarda ressentimento ou mágoas pelos insultos e agressões sofridas. Ou ele reage imediatamente ao ataque ou simplesmente esquece o ocorrido. Portanto, o nobre se caracteriza por sua capacidade de esquecimento, pelo excesso daquela força regeneradora que purifica a memória da intoxicação do ressentimento (GEN, 2016, p. 205).

Nietzsche apresenta o homem que não tem essa faculdade: o dispéptico¹⁶, um homem que sofre de uma doença em que seu processo de digestão não se completa, vive enfasiado. Sofre de um mau de não estar se sentido bem. O ressentimento é uma ferida no corpo e na mente, gerando uma ferida maior na sociedade como um todo. “O homem em quem não funciona este aparelho amortecedor é um verdadeiro dispéptico, nunca “sai” de nada...” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Para compreender melhor:

¹⁶ Quem sofre de indigestão.

Uma força que não se confunde com o esquecimento entendido como a perda inercial de lembranças, mas que corresponde a uma —assimilação anímica, análoga à que ocorre na —assimilação corporal dos alimentos. Pois, também o que ocorre é introduzido na alma do homem não pode permanecer parado ali, mas precisa ser digerido ou excretado, sob pena de obstruir seu mundo interior numa espécie de dispepsia (PASCHOAL, 2012, p. 195).

Compreendemos que a faculdade do esquecimento é contrária à faculdade da memória: a memória está próxima da má consciência e do ressentimento. Nisto se entende a faculdade do esquecimento como resolução para o problema do ressentimento e como antídoto para a doença do homem ressentido.

3.2 RESPOSTA PARA O RESSENTIMENTO

Compreendemos que em Nietzsche se entende que a transvaloração dos valores é necessária para que haja mudanças dentro do homem. “E conta-se o tempo do dies *nefastus*¹⁷ com que teve início essa fatalidade, a partir do primeiro dia do cristianismo! Por que não a partir do último dia? A partir de hoje? A transvaloração de todos os valores!” (NIETZSCHE, 2014, p. 112).

Para que a história ‘vitoriosa’ da humanidade acontecesse foi preciso ter menos memória; foi preciso constituir novos costumes possibilitando a humanidade ser senhora do esquecimento, como vemos no fragmento da obra de Nietzsche:

Quanto menos memória tinha a humanidade, tanto mais de espantar era o aspecto dos seus costumes, e, em particular, o rigor das leis penais permite apreciar as dificuldades que ela experimentou antes de se fazer senhora do esquecimento e para manter presentes na memória destes escravos das paixões e dos desejos algumas exigências primitivas da vida social (NIETZSCHE, 2011, p. 31).

Nietzsche apresenta o ressentimento como uma doença para o homem. O homem de espírito ressentido é um homem doente. Para essa doença ele também apresenta um antídoto: o esquecimento, uma resposta para o ressentimento. Para o homem ressentido superar o ressentimento é preciso “trocar de pele”. Ele precisa se converter de si mesmo, superando-se. Como nos escreve Giacóia:

Para poder superar o ressentimento em si mesmo, é necessário que o doente seja capaz de, como a serpente, “trocar de pele”, estar em condições de se

¹⁷ Do latim, “dia nefasto”, referência a um dia no qual atividades seculares, tais como julgamentos públicos, eram proibidas na Roma Antiga.

converter no contrário de si mesmo. Pois livrar-se do ressentimento mantendo-o abaixo de si, significa retornar à saúde, se é verdade que, como afirmamos há pouco, a própria doença é ressentimento. Esse *necplus ultra* de autossuperação, se faz a partir da vivência do ressentimento sob o ângulo da potência. (Giacóia, 2013, p. 191).

Para a autossuperação em Nietzsche é preciso essa percepção do esquecimento, é preciso compreender como se desenvolve a faculdade do esquecimento no homem, é necessário que o homem esqueça, para que não tome o veneno da amargura em seu corpo e no seu espírito. Tomar veneno para fazer mal aos outros e no fundo fazer mal a si mesmo.

Giacóia nos ajuda a compreender como seria a caminho para o homem superar o ressentimento: “Para libertar a alma do ressentimento faz-se, pois, necessário renunciar ao desejo de vingança” (Giacóia, 2013, p.199). Para o filósofo, o contrário da situação dos fracos é a força, a moral que parte do guerreiro, do aristocrata, a luz do pensamento de Nietzsche, Giacóia chama a atenção para:

Sentir como abaixo de si o desejo de vingança constitui, ao ver de Nietzsche, quase que a prova inquestionável do retorno da força, o mais claro sintoma da convalescença e da transição para uma nova saúde. Para libertar a alma do ressentimento faz-se, pois, necessário renunciar ao desejo de vingança, ou seja, não se incomodar contra aquilo que incomoda, irrita, fere; não permitir que aquilo a que se está exposto e vulnerável também envenene (Giacóia, 2013, p.199).

A filosofia de Nietzsche descende de linhas existência lista de pensamento, que faz pensar a existência, o corpo, as dimensões da vida e da morte, na linha corporal. O filósofo chama a atenção para a dimensão saúde e doença, de fato, a debilidade do corpo. A doença é o ressentimento, a memória e a má-consciência; a saúde é o esquecimento; em sua obra “*Ecce Homo*”, Nietzsche escreve:

Estar doente é em si uma forma de ressentimento. – Contra isso o doente tem apenas um grande remédio – eu o chamo de fatalismo russo, aquele fatalismo sem revolta, com o qual o soldado russo para quem a campanha torna-se muito dura, finalmente deita-se na neve. Absolutamente nada mais em si aceitar, acolher, engolir – não mais reagir absolutamente... A grande sensatez desse fatalismo, que nem sempre é apenas coragem para a morte, mas conservação da vida nas circunstâncias vitais mais perigosas, é a diminuição do metabolismo, seu retardamento, uma espécie de vontade de hibernação. [...] porque nos consumiríamos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais: esta é a lógica. (Nietzsche, 2005, p.30).

Então, nos diz Giacóia que a mudança desse estado, ou seja, a “autossuperação se faz a partir da vivência do ressentimento sob o ângulo da potência”. (Giacóia, 2013, p.191). A partir daquilo que nos alerta a filosofia de Nietzsche: para uma mudança e uma transvaloração dos valores morais, para uma futura sociedade, radicada no tradicionalismo, nas memórias fatais e mágoas dos homens; para superar o ressentimento é necessário ter a faculdade do esquecimento. “Uma vez minada a força plástica do esquecimento, o sofredor se torna incuravelmente ressentido, porque sua consciência é pervadida¹⁸ pelos traços de lembranças aflitivas, que atraem como um ímã a energia dos outros estados psíquicos”. (Giacóia, 2013, p.192). Superação: colocar esse aprendizado sobre uma outra perspectiva.

Sem tal força, o ressentimento e os valores reativos dominarão o indivíduo como uma doença, sujeitando-o à consciência moral e minando a possibilidade de renovação. A situação literária de uma leitura da solidão e na força do esquecimento, enquanto carregarmos a consciência moral e a culpa como um peso, estaremos imersos no âmbito do ressentimento, como corolário é a internalização das forças reativas. No entanto, devemos agir a uma crítica desse estado de coisas, através da “força plástica do esquecimento”, essa força grandiosa para a saúde mental e corporal do homem. O filósofo elenca uma forma de exercitar sua mente e sua vida para ir ao encontro do esquecimento:

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tabula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento (NIETZSCHE, 2009, p. 43).

O capítulo propôs apresentar a faculdade do esquecimento e essa faculdade como fática para superar o ressentimento. Portanto, eis a condição de viver feliz no tempo presente, no instante fugaz. Em Nietzsche se entende a grande saúde como esquecimento. Assim, pode se constituir um entendimento sobre a “faculdade do esquecimento” e o “esquecimento como resposta para o ressentimento”: dimensão de

¹⁸ Tomar posse de; preencher por completo; espalhar-se, ocupar, invadir.

saúde tanto corporal quanto mental. Friedrich Nietzsche apresenta como surge a doença e o seu correspondente antídoto.

CONCLUSÃO

O trabalho esquematizado em 3 capítulos, sendo o primeiro sobre as tipologias, o segundo sobre a memória, má consciência e o ressentimento como perspectiva externa da má consciência. Para as considerações finais deste presente trabalho. Irei apresentar as contribuições para as pesquisas em Friedrich Nietzsche, sobre as pesquisas sobre a moral e as faculdades humanas: memória e esquecimento. No em que vivemos hoje podemos ainda sentir toda a força do realismo que Nietzsche diagnosticou, e quando a neblina que envolve o sol e muito forte, faz-se necessário ter olhos abertos as leituras que possam ver além, que possam contemplar a raiz onde se assenta o homem livre no contemporâneo.

Na tipologia da moral: nobre e escrava. Observamos que o filósofo divide as expressividades de cada tipo de moral, contribuindo para uma forma de compreender ambas as morais, como se inicia um “para” a genealogia daquela devida moral seja nobre ou escrava. Dando a entender observamos no que se dá cada moral; a moral nobre como pressuposto para o sujeito forte; a moral escrava como pressuposto para o fraco, não querendo deixar estaque tal contestação, não é algo parado em cada sujeito, pode se dizer que existe ambas as morais em cada sujeito. Em síntese se compreende os tipos de moral em Nietzsche por um viés genealógico.

Entre as faculdades, o filósofo dá uma ênfase para a faculdade da memória, como um ponto forte para o homem ressentido, e para aquele que guarda deixando que se torne uma consciência maldosa, assim chamado pelo filósofo de má consciência. O ressentimento é aquilo que você guarda e eleva a uma potência de se torna um espírito preso as magoas e o desejo de ser superior ao seu inimigo, de forma que você torna o forte seu inimigo e se torna fraco.

O ressentimento é de certa forma uma forma de sujeitar o homem a uma forma de esperança naquilo de ideal para uma visão de baixo (nivelar por baixo e não por cima), ou seja, para ficar mais fácil para alcançar o forte. O filósofo apresenta o ressentimento como um problema comum a moral escrava, a moral de rebanho, do tipo fraco, o ressentido como aquele que lembra. Assim o problema da faculdade da memória e da má consciência dentro da genealogia que Nietzsche sobre a moral, como vemos na segunda dissertação de sua obra: “Genealogia da Moral” o ressentimento é uma perspectiva externa da má consciência.

Para uma explicitação, e uma forma de antídoto o filósofo nos apresenta a faculdade do esquecimento; o esquecimento como saúde para o corpo e para a mente do homem. “Uma faculdade moderadora” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Uma faculdade que nos auxilia para moderar os fatos que deixam uma mágoa em nossa vida. Essa é a faculdade do esquecimento. O esquecimento é uma forma de saúde, o antídoto para essa doença do ressentimento.

Uma conclusão da pesquisa e o contributo para a academia é uma leitura da obra: *Genealogia da Moral*, em uma perspectiva de escrita e de forma genealógica. Estudamos a moral, a má consciência e o ressentimento e o pôr fim um terceiro capítulo de respostas aos dois primeiros capítulos; o esquecimento como resposta para o ressentimento. A academia ganha mais uma pesquisa em Friedrich Nietzsche, e o Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás tem em seu acervo de trabalhos de conclusão de curso uma pesquisa sobre o ressentimento em Nietzsche. E eu terei em meu histórico de pesquisa, uma pesquisa em Nietzsche.

REFERÊNCIA

OBRAS CITADAS

CAMUS Albert, **O Mito de Sísifo**. Tradução: Ari Ooitman, Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2019.

GEM – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário de Nietzsche**. São Paulo: Editora Loyola, 2016.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche e para além do bem e do mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIACÓIA, O. **Nietzsche: O Humano Como Memória e Como Promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

Moreira, Diego Marques. **Hipertimésia**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/neurologia/hipertimesia/>

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da Moral**. Tradução de Joaquim José de Faria. São Paulo: Centauro, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**. 1ª Ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do Mal**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos Ou Como se Filosofia com o Martelo**. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos Ou Como se Filosofia com o Martelo**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2011

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: Como Alguém se Torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

PASCHOAL, A. E. **Memória e esquecimento em Nietzsche**. In: **Falando de Nietzsche – Org**. Tradução: Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

OBRAS CONSULTADAS

FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. **Húmus**, v. 3, n. 7, jan/fev/mar/abr, São Luís, 2013. p. 122-130.

JUNGES, Márcia Rosane. A Transvaloração dos valores, em Nietzsche, e a profanação, em Agamben. **Cad. de ética e filosofia política**, v. 1, n. 28, 2016. p. 97-108. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/116279>> Acesso em: 31 mar. 2020.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTON, Scarlet. Transvaloração dos valores morais. **Hypnos**, v. 4, n. 5, jul/dez, São Paulo, 1999. p. 133-143.

MELO NETO, João Evangelista Tude de. **10 Lições sobre Nietzsche**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. Nietzsche: o Ressentimento e a Transmutação Escrava da Moral. **Argumentos**, v. 2 n. 3, jan/jun, Fortaleza, 2010. p. 187-192.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Breviário de Citações ou para conhecer Nietzsche**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Landy, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. As Formas do Ressentimento na Filosofia de Nietzsche. **Philosophos**, v. 13, n. 1 jan/jun, Goiânia, 2008. p. 11-33.

PEREIRA, Gustavo Freitas. A grande saúde em Nietzsche. **Argumentos**, v. 11, n. 21, jan/jun, Fortaleza, 2019. p. 109-119.

REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. **Cad. Nietzsche**, v.37, n.1, jan/jun, São Paulo, 2016. p. 44-70.

SOUSA, Mauro Araújo de. **Religião em Nietzsche**: eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar. São Paulo: Paulus, 2015.

STRATHERN, Paul. **Nietzsche (1844-1900) em 90 minutos**. Tradução de Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.